

Admissão do fracasso pode esconder rebeldia

A dispersão em sala de aula, a vontade de estar fora da escola brincando ou de trocar o estudo pelo trabalho, a recusa de fazer os exercícios propostos pela professora são, na verdade, uma maneira de os alunos se defenderem de "um ensino sem sentido". Esta é a conclusão da psicóloga Maria Helena Patto, da Universidade de São Paulo (USP), na recém-concluída pesquisa *A produção do fracasso escolar: história de submissão e rebeldia*, publicada há duas semanas.

Maria Helena passou dois anos pesquisando duas turmas — uma de repetentes e outra regular — numa escola pública da periferia paulistana e afirma que a escola, em vez de atribuir sua ineficácia às más condições de vida dos alunos, deve ser capaz de funcionar independente desses fatores. Para ela, é possível resolver a questão do ensino dentro dos muros escolares.

"O aluno que consegue chegar à escola está suficientemente apto a aprender", afirma. Se ele apresenta mau desempenho e se culpa por isso, tachando-se de "bagunceiro" ou incapaz, a razão é uma só: "Vivemos numa cultura em que não se faz a crítica das instituições. Por isso, sequer cogitam de reclamar da escola".

Maria Helena não descarta a existência de crianças realmente portadoras de distúrbios de aprendizagem, mas em sua pesquisa ela levantou que a percentagem dessas crianças nas escolas públicas das grandes cidades é de cerca de 20%, muito inferior ao índice de repetência apresentado — cerca de 50%. "Isso ocorre por conta da má qualidade do ensino", diz.

Na Escola Bernardo Vasconcelos, no Rio, a professora Vera Lúcia Alegria, que lida só com alunos repetentes, traduz na prática,

sem saber, as conclusões de Maria Helena Patto. "Não se pode padronizar o ensino e exigir o que o aluno não sabe dar", ensina Vera. "É só não ter preguiça e gostar de ensinar", resume ela, para justificar a necessidade de dar atendimento quase individualizado aos seus 33 alunos, da 1ª série.

Cada um recebe um exercício diferente, em sala, de acordo com o interesse que demonstram, nunca levam para casa trabalhos que dependam da ajuda dos pais e não são obrigados a ficar sentados num mesmo lugar por muito tempo, além de receberem a todo momento palavras de encorajamento. "Aprendi a fazer essas coisas sozinha", revela Vera, que já chegou a alfabetizar um aluno usando recortes das palavras de jornais. "Espero aprovar em quase 100% a minha turma este ano". (E.B.)